

# REVISTA MENSAL

DA

**SOCIEDADE**

## **PARTHENON LITTERARIO**

---

2.<sup>a</sup> SÉRIE — NOVEMBRO DE 1872 — N.º 6

---

**PORTO ALEGRE**

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1872

**Commissão de redacção**

Vasco de Araujo e Silva.  
Appollinario Porto Alegre.  
José Bernardino dos Santos.  
Luiz Kraemer Walter.  
Francisco J. de Sá Brito.  
Manoel Gonçalves Junior,

**Redactor de mez**

José Bernardino dos Santos.

**Directores**

Achilles Porto Alegre.  
Hilario Ribeiro





Lith. per. Feiggemann.

Lith. Inq. E. Wadenan.

J. J. Wellens

## AOS NOSSOS LEITORES

---

Conclue-se com este numero a 2.<sup>a</sup> série de nossa *Revista Mensal*.

Se bem ou mal desempenhamos a ardua e espinhosa tarefa que tomamos sobre os hombros, avaliem outros, porventura os espiritos justiceiros e patrioticos, que não enxergão nestes commettimentos, nem vaidade ou petulancia, porém um nobre esforço, um afano penosissimo nos torceios das lettras patrias.

O que está feito se não é, nem póde ser o alicerce de um modesto e tosco monumento n'um recanto da republica litteraria do Rio Grande, seja uma pedra para a sua futura execução.

Isto nos basta, porque a nossa consciencia se regosija.

Os que crêm no futuro, porfião por illustrar-se; á despeito mesmo do indifferentismo de uma parte da população e das ironias grosseiras dos espiritos estereis e apoucados, proseguem, comtudo, como os antigos cruzados defendendo uma causa santa, combatendo por uma religião sublime.

Poucos ignorão os sacrificios e dissabores, que arrastão a par de si estas publicações; quem uma vez arca com o peso da responsabilidade, accceta expontaneamente uma fadiga incessante, quasi uma tribulação.

Alargar, quanto fôr possivel, a esphera d'esta *Revista*, é o nosso maior empenho e desejo; porém isto não se faz de um dia para outro como pensão e exigem. A precipitação n'este caso seria antecipar uma quêda em vez de um triumpho.

A prodigalidade tem sido causa de ruinosas consequencias ; dar mais do que possuímos é aprestar o infortunio, preparar o descredito e vilipendio.

Faremos como o lavrador incançavel, que, n'um angulo de terra, após suor copioso, contempla da feliz e placida morada o orvalho esmaltando a mêsse que irrompe do seio da terra, a aurora brilhando na esmeralda da campina uberrima.

O nosso sólo é este, cultivemol-o para que as mêsses rebentem á luz do futuro, se porventura as ventanias não vierem derrançal-as antes da colheita.

Por ora a *Revista* não passa de um ensaio, é apenas uma tentativa, nem outros titulos pretende ; não se gaba do que fez nem promette o que ha de fazer. Como tal se apresenta na arena das lettras, timida e receiosa, pedindo sim um agasalho, uma palavra de animação, um sorriso de sympathy.

Mercê de Deus não lhe faltou benevolo acolhimento, aviventou-a o bafejo popular. Se uma ou outra decepção veio assetear-nos a alma, se uma ou outra vez emergemos a fronte entristecida, logo se esgarçavão as nuvens fuscas, e um horizonte limpidoo e diaphano se nos antollhava.

Auxiliem-nos, pois, vós sobretudo, angelicas creaturas de Deus ; a nossa *Revista* é ao mesmo tempo um jardim e um pomar incultos : — flôres e fructos, que medrão e vicejão como essas pobres e castas plantas silvestres das nossas veigas e seranias.

Esmagal-os seria maldade, um delicto.

O' não, não mil vezes !

Quando desdobrares as laudas da *Revista* sentireis ali o perfume das almas que ainda não se desfollarão das suavissimas crenças ; são hymnos da estação ridente da mocidade consorciados com os vossos jubilos e sorrisos.

A' noite, quando a lua vai alta e reflecte-se mevençoria nas aguas adormecidas do mar. as teclas do vosso piano suspirão a cavatina mysteriosa do amor. os vossos labios soltão tremulos a balata dos segredos intimos, talvez uma prece. A' essa mesma hora, nós tambem dedilhãmos no alaúde estrophes, que a alma manda ao Senhor nas azas da viração ; á essa hora a fronte curva-se sobre os livros, sonha, medita.

Depois — estas vigílias transmudão em oblações no altar sagrado da poesia ; em meditações junto ao templo augusto da sciencia.

Por isso não vos esqueçais das palavras de IRÊMIA :

« Alentai-nos e seremos dignos uns de outros.

« O esforço complexo será util á patria. »

II. RIBEIRO.

## ESBOÇO BIOGRAPHICO

---

DR. JOÃO JACINTHO DE MENDONÇA

### I

Hoje, que as primeiras paginas da *Revista* são consagradas aos benemeritos da patria, é justo, equitavel um lugar aqui para o busto glorioso de João Jacintho de Mendonça.

Entre as laureas que lhe cingirão a fronte, e os goivos e saudades que se inclinão merencorias sobre a sua lapida; entre a deusa da gloria e o archanjo dos sepulchros — a patria, mãe angustiada, ainda contempla o occaso d'aquelle astro coruscante.

Ali, debruçada sobre os manes do filho illustre, pranteia o batalhador robusto, incançavel, cahido envolto nos trophéos da legião conservadora, com as mesmas armas com que havia lutado leal e energicamente.

João Jacintho de Mendonça legitimára, com tempera ferrea e inquebrantavel, a consideração esympathia do povo, a confiança illimitada do paiz.

Firme sempre no seu posto de honra, jámais transigio com a consciencia; professando, desde que encetára a vida politica, as mesmas idéas e principios, quando rolou do pedestal tribunico, servio-lhe de sudario uma dobra da bandeira que hasteára.

Se o nosso comprovinciano não reunisse aos elevados dotes

oratorios uma rigeza incontestavel de caractêr, quadrava-lhe porventura a sentença severa de um dos nossos mais notaveis parlamentares e profundo escriptor: « João Jacintho de Mendonça é um orador agradável, que attrahe a attenção dos auditorios; mas ao sentar-se vê-se desapparerer toda a impressão que causara. »

Não, isto nunca!

Quando elle se erguia magestoso como a palmeira da Abyssinia, com a fronte illuminada pelos reflexos da intelligencia, seu labio atirando ás multidões extaticas o verbo que eternisára Demosthenes, era a manifestação de suas crenças, o espelho onde se reflectia a sinceridade de seu grande patriotismo.

Não era um homem quando fallava, era uma idéa que effervescia; não um sabio prophetisando os destinos da patria, porém o vulto da eloquencia sustentando a égide do direito, a balança da justiça; um campeão sublime de convicções arcando com a armadura dos certames politicos.

Quando a sua palavra autorisada emmudecia, ali no estadio de seus triumphos, ficava alguma cousa na lembrança do povo: — o exemplo edificante da probidade; o archetipo do cidadão.

Dir-se-ia n'aquelles momentos de suprema eloquencia a voz da patria flagellando os apóstatas e renegados, que comprimem no peito as nobres e elevadas aspirações para seguirem no torvelinho das ambições pessoaes.

João Jacintho de Mendonça semelhando o madeiro secular, que boia e luta no dorso iracundo do oceano, sem jámais submergir-se, debatendo-se no mar de syrtes da politica militante, os vagalhões ameaçadores das conveniencias nunca puderão minar-lhe a força de animo, que era sobretudo o seu mais notavel attributo.

A sua eloquencia conquistou-lhe uma reputação brilhante; a lealdade aos principios pagou-lhe a provincia do Rio Grande, conferindo-lhe por mais de uma vez o diploma de seu representante na assembléa legislativa e no parlamento.

## II

O Dr. João Jacintho de Mendonça nasceu na villa de São Francisco de Paula, (hoje cidade de Pelotas) em 16 de Março de 1817, sendo seus pais o capitão João Jacintho de Mendonça e D. Florinda Luiza da Silva. Em 1836 formou-se na escola medico-cirurgica da côrte.

Foi a par de Pedro Chaves, Francisco Brusque e Secco, que



appareceu João Jacintho de Mendonça, eleito pela primeira vez deputado, na eleição de 1852.

Estreando nobremente na senda espinhosa da politica, conseguindo assignalados triumphos na tribuna, trocou mais tarde o apostolado do medico pela missão do estadista.

Comtudo, nunca a pobreza bateu-lhe em vão á porta, e nas quadras calamitosas em que o cholera-morbus accommetteu esta provincia, prestou o distincto medico serviços notaveis.

Durante a legislatura de 1862 a 1865, em que o partido progressista conseguiu levar á camara todos os deputados, o Dr. Mendonça esteve proscripto, afastado dos negocios publicos.

Chamado á presidir os destinos da provincia de São Paulo, e isto em uma época melindrosa, foi tão importante o seu tino administrativo, que a imprensa liberal foi a primeira a render-lhe homenagens.

Uma das datas mais memoraveis nos annaes da assembléa legislativa provincial é sem duvida aquella em que Felix da Cunha, Gaspar Martins, Felipe Nery e Mendonça discutirão, além de outros assumptos de elevada politica, sobre o direito de revolução. Foi uma luta brilhante, titanea!

Em 3 de Junho de 1869 falleceu na cidade do Rio de Janeiro o illustre filho do Rio Grande, occupando o primeiro lugar na lista triplice para senador.

Concluindo diremos que, não obstante adversos aos principios que professava o eminente orador, sentimos que coubesse a honra de escrever este esboço biographico, o mais humilde de seus respeitadores.

O povo, que admirou aquelle exemplo de fidelidade á patria, não deve esquecer nunca o nome glorioso do Dr. João Jacintho de Mendonça.

H. RIBEIRO.

# O VAQUEANO

(NARRATIVA)

---

XXI

**R O S I T A**

Moysés, que recusava tomar parte na revolução, resolvera afinal a acompanhar o vaqueano, com o contingente de quasi todos os seus guaycanans.

Eis porque o encontramos na Laguna. O exercito republicano ficára a tres leguas nas abas do morro de Santa Martha, o elle viera vêr, como bombeiro, o que fazião na praça.

No dia 23 de Julho o estandarte de côres amarella, encarnada e verde da republica de Piratinim fluctuava sobre a villa, desfraldado aos ventos da victoria.

Facil victoria sem derramamento d'uma lagrima, sem a troca d'um tiro.

Canabarro tratou logo de precavêr-se contra qualquer eventualidade. Levantou na barra uma forte bateria em defesa do porto e fez armar quatro embarcações para o corso.

Garibaldi não só bom soldado, mas excellente marinheiro;

pois na marinha piemonteza galgára até o gráo de segundo-tenente por merito, foi nomeado chefe da esquadrilla.

Tambem em pouco iufestou a costa, e raro era o dia em que não fazia presas consideraveis de navios mercantes do imperio, requintando de audacia até o ponto de apparecer em freute á cidade do Desterro e de ameaçal-a com um canhoneio. Canabarro, no continente, não descansava, os planos de hostilidades abrangião a provincia inteira. Esperava em breve occupar toda a ilha, de posições tão importantes, que o tornarião formidavel por terra.

Emquanto não chegamos a sérios e culminantes combates, volvamos aos nossos conhecidos.

O vaqueano e o caçador gosavão de privilegios na turba-mul-ta soldadesca. O primeiro não era mais que o guia do exercito, e se tomou parte nas lutas, sempre foi espontaneamente; o segundo não quiz soldo para obrar em liberdade, dando comtudo dez homens para o serviço da guarnição, e prompto a tomar parte em qualquer occurrencia perigosa. O mulato fez todos os esforços para affastar Avençal do theatro da guerra, onde então se achava seu figadal inimigo. Suppunha-o capaz de qualquer crime, mórmente depois do que com elle praticára vindo bombear a villa e da perseguição de que fôra alvo.

Ouvindo a proposta o moço encolheu os hombros.

— Já morri uma vez, Moysés. Que importa agora me maltratem o corpo, quando já machucarão-me o coração. A morte, negaceio-a, não lhe volto as costas.

— Mas . . .

— Basta, affliges mais minha pobre alma, redarguio com ligeiro assômo de impaciencia.

— Está bom, irmão. Não é para te zangares . . .

Levantarão um arranchamento na corôa da collina. Moysés aventando os designios de André, cuja sanha já conhecia pessoalmente, chamou tres dos principaes guaycanans, e assim lhes fallou:

— Irmãos, a vida de vosso irmão caçador está em perigo. O inimigo o olha de perto. Se quereis que vosso irmão viva, rodeai as ocas de cuidados. Os selvagens responderão com a habitual gravidade:

— O irmão descance nos arcos dos guaycanans. Os guerreiros da serra tem a vista do urutáo que encara o sol, e a vigilancia do passaro da campina; tem o fáro do urubú e o ouvido do cervo.

Desde então o arranchamento n'uma área de quarenta braças, ninguem transpunha, além da companhia que encontramos na Vaccaria. A's evzes um transeunte distraído ia passear pelo

outeiro, e sahia-lhe do chão um bugre carrancudo e tórvo com enorme clava ao punho; desviava e mais adiante entrevia um cano reluzindo entre a rama d'uma moita de guaximas; fazia um novo circumloquio mental a que correspondia um novo circumloquio dos pés. Mas, proseguindo, encontrava á alguns passos uma bola, que ao vê-lo distendia com espantosa elasticidade como uma serpente, e mostrava o arco com a frecha embebida. E como a prudencia é uma virtude nos proprios generaes, estabelecendo premissas, e uma conclusão de logica de ferro, o nosso caminhante estugava a passada em longo rodeio, cujo termo era na villa.

Canabarro uma noite sahira da tenda e viera fallar ao vaqueano.

Mal quiz vingar o perimetro guardado, um vulto se lhe oppôz, o general furioso e admirado arrancou da espada. O grito do carancho soou.

Era a senha; e como por encanto vio-se rodeado de tantos homens, n'um momento, que, de quarenta que erão, julgou divinisar um exercito nas sombras fluctuantes da hora. Os guaycanans levarão-n'o prisioneiro ao chefe.

Moysés sorriu, quando reparou no preso de tão alta cathedoria.

— Chuéga, Moysés! Que diabo de costume é este?

— Não recebo a pessoa de um general sem cortejo, disse gracejando.

E contou-lhe então os motivos porque assim procedia.

— Se elle não estivesse alistado em minha gente mandava prendel-o; mas vocês porque não vêm lá se podem accommodal-o!

— General, dois dos meus indios não deixão aquelle demônio noite e dia. Se quizessemos fazel-o estender o molambo, por Deus! que não nos incommodaria mais. Eu cá pensei, mas o vaqueano não quer . . .

— Está bem, arranquem como puderem . . . Onde foi o vaqueano? Ando pensando que temos chamusco em mais dia, menos dia,

— Os caramurús querem corcovear?

— Peior! Querem pôr-nos carona e boçal . . .

— Armemos um pialo e zás! Serão elles emboçalados.

— Tícarão desbarrigados depois do Rio Pardo, e agora pedem desforra. Hão de ver como os desabusamos, bagualada do rei.

Alguns dias depois os ranchos estavam vazios.

Os indios apprehenderão um soldado que por força queria fallar com Avençal e trouxerão-n'o para as habitações, onde o retinhão sob guarda rigorosa.

Era de noite. Elle entrou na peça principal, e sentou-se n'um cêpo perto de alentador brazeiro, sem pronunciar palavra. Não se lhe encherjava o rosto na penumbra do chapéo desabado. Silencioso e sombrio pousou a barba nas mãos, mergulhado em funda scisma. Sua immobildade o assemelhava a esses guerreiros americanos acocorados nos camucins da derradeira morada.

A ampullheta do tempo vazava hora por hora sem que ninguem apparecesse. Só a sentinella guaycanan descansava sobre o arco quasi de longura de um corpo de homem. Parecia adormida, e no entretanto, na attitude de estatua era a personificação da vigilancia. Imperturbavel como a penedia erecta tinha cem olhos de argus, não perdia o menor accidente do theatro em que se achava; o ouvido era uma acustica viva, o argueiro que tombava, o zumbido do noctivago insecto n'elle repercutião.

Avençal, Manduca, Moysés e outros entrarão já sabedores da prisão effectuada em sua ausencia.

Seria meia-noite.

O soldado ao vel-os soltou um grito e cahio nos braços do vaqueano.

— Avençal! murmurou.

— Rosita! exclamou elle.

Largo espaço estiverão unidos, seio contra seio, os olhos debulhados em lagrimas, os labios exhaustos de carinhos.

N'uma exclamação tinham dito tudo.

— Avençal e Rosita!

Que mais poderião dizer?

Aquelles dois nomes para elles não constituição uma religião, um poema de amor, a immensidade do infortunio de duas almas nutridas dos mesmos sentimentos, refociladas na mesma crença ao pungir da mocidade? Que fundião-se na mesma aspiração? Tão irmãs como duas flôres de um corymbo, duas azas de beija-flôr?

Culto grandioso e sublime de dois corações que se amão! de Romeu e Julieta, máo grado os odios de raça!

Em suas irradiações parecem superiores á natureza, ao tempo, ao espaço e a Deus, embora caião inanimés na luta!

Quem lhes bradará: Suspendão?!

Vã tentativa! a pyra recebe alimento, mais cresce a paixão a cada óbice, a labareda corre como na queimada devoradora e rapida, e torna-se como a entranha da terra, quanto maior pressão, mais a cratera volcanica fumege, arde, extravaza, vence, mata!

Reprimirão afinal os ímpetos do peito.

— Avençal, fujaamos d'aquí . . . Amanhã será tarde . . .

Meu irmão procura-te, Avençal . . . Foge, eu te acompanho . . .  
Trei aonde fôres . . . E travava-lhe das mãos com ar supplice.

— Também enverédo, disse o mulato . . .

— Fugir?! não, não posso . . .

— Partamos, renovou com o peito partido de um soluço . . .  
Queres morrer! não vês que nossa ventura deixará de ser uma  
mentira?

A imagem de José Capinchos pedindo-lhe a vida em nome da amante destacou no cerebro do mancebo. Esta recordação repassou de amargume o jubilo que por instantes lhe inundára a alma.

Tornou-o forte contra a tentação.

Fallou comsigo resolutio: Cumpra-se o fado! E a ella:

— Nossa ventura, minha Rosita, e volveu os olhos para o  
céo . . . Só lá! . . .

André, apenas chegára o exercito da Republica, fôra apresentar-se ao general para prestar o auxilio que d'elle carecesse, e de facto prestou valiosos serviços, já em gente sua reunida ao exercito, já em dinheiros. Não fôra o amor á causa quem o guiára. Fôo o presentimento do odio. Julgava encontrar não só o caçador, mas também o inimigo do intimo, mas a hora da vingança, hora ha tanto almejada e estremecida.

Acertára.

Deparou ambos.

Captára o reconhecimento de Canabarro, podia operar livremente. Pôz-se em campo. Porém, a sanha do tigre teve de quebrar contra a fera tempera dos aborigenas, dedicados até a heroicidade. Moysés de seu lado também o presentira e oppuzera a unica força capaz de resistir-lhe, o unico elemento de fidelidade a toda a prova.

André queria tomar Avençal, a imaginativa deu-lhe o recurso de mil planos e emboscadas, malogrados sempre pela vigilia eterna do gentio. Uma occasião no auge do desespero estrangulou um d'estes. Outro appareceu, depois um outro e por fim, turmas que ião augmentando progressivamente como onda após onda na folla dos mares. Fugio. A irmã ao vê-o chegar em casa com as feições decompostas, abrigou-se ao quarto. Tiñha também feitô um plano. Suas faculdades estavam reconcentradas n'um só ponto: a salvação do amante. Queria vê-o e confiava em arrastal-o longe da Laguna. Ennoitecia. A hora era propicia. O silencio reinava em torno da morada. Abrio a rotula, e, disfarçando o sexo nos trajés de homem, sahio.

Com o passo apressado e tremula foi dar nos arranchamentos, como vimos. Não notára que dois vultos a seguião de longe: André e um peão.

Quando voltára com o desalento e o desespero n'alma e a intuição d'uma proxima desgraça, ao transpôr a janella, vio destacar tremenda nos umbraes a figura do irmão, livida de colera, porém calma no exterior como a face do oceano antes do furacão.

Ligeiro arrepio frizava-lhe a espaços os traços, e um som cavo e profundo regougava surdamente nas fauces prestes a escancarar-se.

— Ondé foste, Rosita? perguntou.

— Que me queres? respondeu medindo-o allucinada.

— Que te quero?! E um sorriso caustico como a pelle da tartarauna, como o leite da guararema, espadanou e foi borrfifar a face da mimosa donzella. Que te quero?! Vai dizer tuas ultimas rezas . . . E depois . . . irás contar á nosso pai o que fizeste por cá esta noite . . . infame!

Rosita sentou-se á borda do leito e mergulhou a mão sob as roupas, que oscillarão por momentos.

E placida e radiante a fronte como o lago em tarde serena, ferido dos resplendores do occaso, esfolhou um sorriso como petalas de rosas, como accents de harpas eólias, como dulias seraphicas :

— Eu te amo, Avençal . . . Adeus !

Foi um sussurro . . . O adejo do espirito que foge do corpo. Estava morta. Tinha uma adaga cravada no coração.

## XXII

### O CORREDOR DO PANGARÉ

Manduca e João de Deus atarão uma carreira entre um alazão ruano e um pangaré. Logo no acampamento formarão partidos, apenas feito o atilho, e a parada subio a trescentos patacões.

O vaqueano era o corredor do alazão. Do outro não se soube até o dia.

Os dois pujantes animaes, tratados a palha de jerivá e bem amilhados, apparecerão na raia.

Havia ali um mundo de gente toda agitada, saltando alta grita, a effervescencia da arraia miuda preparada para uma grande festa.

→ Párg tres doblas no ruano, bradava um. Isto é que é

ginete, pellichou de dias e já fino na raia como uma setta. O alazão não reserva tiro nem parada em cinco quadras . . . Coepuxa! E sacudia o rélho com ar provocador.

— Sente-se no tiro, e a parada morta, disse outro. Não é um salta-pedras que dá pancas.

— Envido, amigo, retorquio.

— Reenvido . . .

Rebentou sáfara pocêma.

Um adherente do pangaré que não vira com bons olhos a provocação do primeiro interlocutor, tambem rugio-lhe aos ouvidos :

— Aquillo é um matungo, patricio! um réino! . . . Largo-lhe na colla a tiro de bola e ainda vou tomar-lhe o boçal.

— Helá! Este potranquillo agora desponta o colomilho e já nõ partir mata o pangaré a sacar de paleta . . .

— De fiador . . .

— Nem de orelha . . .

— Eu torno a repetir que cem leguas em derredor não ha cavallo mais monarcheidor, voluntario e parelheiro . . .

— Basta de levantar polvadeira! não é só a bocca que faz jogo : é a raia que ha de fazel-o. Não é por escarcear que se conhece o pingo. N'um prisco do pangaré vai tudo razo.

— Qual pangaré, nem meio pangaré! O ruano sim é que vòa, nem risca o chão! . . .

— Por Deus e um patacão! Ao heup da carreira o bagual do ruano se desmancha . . . E se ha quem diga o contrario pize-me no poncho, que verá como o corto de arceidor. E desenfando o poncho, è o revoluteiando nos ares arremessou-o por terra. N'um minuto facas despirão as bainhas e rebenques alçãrão as açoiteiras.

Era imminente um grave conflicto, se não fosse a intervenção de Moysés e outros que interceptarão e fizerão abortar furiosas agachadas.

São preludios das corridas.

— O que não dirá o general, advertio o mulato, se sabe que no brinquedo houve ruzgas?

Socegemos, se não queremos conselho de guerra e fuzilamentos.

Applacou-se a conflagração.

Ao tumulto succedeu o murmurio de vozes commentando baixinho o successo.

Decorridos instantes um ponderou em tom alto :

— Com o diacho! Onde está o corredor do pangaré? Esperão que caia ali da carapuça do môrro? disse alludindo á nevoa que corôava o cume de Santa Martha.



Era motivo para novo disturbio; porém João de Deus apaziguou-o.

— Ha dias veio um sujeito fallar-me para correl-o, affirmando que ganharia e ao contrario pagaria o dobro. A's duas horas elle vem. Prometteu.

Moysés teve apprehensão tão repentina, que bradou :

Vamos lá esperar! . . . Corro eu com o mesmo conchavo.

— Não queremos. Não queremos, tornarão em côro um sem numero de vozes. Esperemos nosso corredor.

O mulato sobreesteve fulo de colera. Depois achegou-se ao vaqueano e pronunciou mansinho: Abandona o alazão, quem corre o outro é André Capinchos.

O moço encolheu os hombros com indifferença.

— Por Deus o digo, José!

O mesmo movimento.

Moysés mostrou impaciencia e foi até o arranchamento aconselhar-se com os indios.

As duas horas virão um cavalleiro a toda a brida.

Chegou.

Era André.

Avençal nem de leve fez-se surpreso.

Os corredores puzerão-se em mangas de camisa, atarão um lenço nos cabellos, tomarão dois talos de jerivá e montarão os cavallos em pello.

A carreira era de quatro quadras.

Os julgadores nomeiados forão para a raia. O poviléo apinhoscára em duas immensas turmas.

Começarão a partir.

— Assassino, dizia entredentes André, hoje não tens um velho . . . Covarde!

As faces de Avençal carminarão levemente, porém não respondeu.

O outro proseguio:

— É' necessario que eu te córte a cara, para te fazer fallar?

Ainda o mesmo silencio.

Quem os via, dissera que conversavão. Só Moysés advinhava o que se passava, acariciando a coronha d'um pistolão.

Na quarta vez, cerrarão pernas e sairão. Os animacs dilatarão as narinas, distenderão o talhe esguio. Assemelhavão dois dardos n'um arremesso violento á flôr da terra. Os dois homens inclinados sobre as elinas dos briosos giuctes, com a respiração difficil na vertigem do galope, a toda a redea devoravão o lançante do côrro com a velocidade do corisco . . . Seguil-os com os olhos, fital-os, era crêr nos centauros mythicos, era sentir as fontes latejarem no aurijo do pensamento.

O alazão começou a cortar luz de fiador, Capinchos aproveitou a ocasião, levantou o braço, ia ferir na face a Avençal . . . Uma frecha silvou d'entre a rama d'um salgueiro e arrancou-lhe o talo da mão erguida.

O facto produziu tão profunda sensação, que por momentos paralysoou todas as linguas. Depois uma tempestade.

Moysés foi abraçar com enthusiasmo o guaycanan de vista certa. Os julgadores em vista da occurrencia annularão o que se tinha feito.

Avençal na velocidade em que ia não vira o que passára.

Mal derão a assentada, pularão dos cavallos.

André esbravejou :

— Houve trapaça de pés e mãos, e metterão caboclos no meio . . .

— O vaqueano não pôde conter-se.

— Mentiste, perro ! bradou.

— Duas facas lampejarão.

Muita gente rodeou-os.

Moysés accercou-se dos grupos e disse com voz de trovão :

— Deixem-os brincar . . . São contas antigas . . . Caramba ! deixem-os, ou então faço saltar os miolos do ultimo dos Capinchos, raça de matadores . . . E tinha na dextra o pistolão engatilhado e o cenho ameaçador.

— Querem pelejar rapazes? reflectio um capitão da Republica, testemunha ocular do combate entre Bento Gonçalves e Onofre e muitos outros. Eu os arranjo, venhão cá.

E voltando-se para o ajuntamento, cuja maioria era composta de soldados :

— Retirem-se, ou mando convidar o pellego do que não obedecer.

As mós do populacho pouco a pouco se rarefizerão, inda que com murmurio de descontentamento.

No dia seguinte vamos encontrar o referido capitão, os dois adversarios e Moysés na costa d'um rincão. Ião atirár á faca n'uma distancia de quinze passos. O capitão quiz sorteal-os, em conformidade das leis da honra.

O vaqueano com o habitual sangue frio e indifferença da vida e quem sabe por desprezo do antagonista, deu-lhe a primazia. Este acceitou com um sorriso, onde transluzia intimos jubilos, reflexos d'alma que ia saciar a sêde de sangue, alastro de odio profundo.

Tomarão os lugares.

Só o mulato tremeu diante da resolução do amigo, mas não ousou fazer a menor consideração, deixou a Deus o desfecho do

drama negro em que elle figurára entre as principaes personagens.

André empalmou a faca, ficando o cabo para fóra e a ponta da lamina estendida sobre a parte interna do braço. Pinçou-a em direcção ao peito de Avençal. Ia ferir-o no coração. Porém, antes que o ferro o tocasse, arredou o corpo e tomou-a no ar pelo cabo.

O caçador respirou.

— Bravo! exclamou o capitão esfregando as mãos de contente, isso é que é furtar a volta!

O filho de Capinchos empallideceu.

Avençal fez o mesmo movimento, no entretanto com admiração de todos não fitou o adversario.

— Capitão, disse elle com voz onde o sarcasmo palpitava, vê aquella lixiguana na ponta daquelle galho?

Todos olharão, virão a faca transpôr um intervallo de quarenta passos e vibrar encravada no centro da abelheira, a qual o mais que tinha era um palmo de diametro.

Era a soberania do desprezo.

André rugio ao novo insulto, e travando do pistolão na cinta, desfechou-o; o tiro seria mortal se Avençal presto como o galheiro não se inclinasse . . . n'um salto de rara agilidade cozeu-se com o competidor, cingiu-o pela cintura, ergueu-o do chão e fel-o rojar por terra como um brinco. Pôz-lhe um joelho no peito.

— André, yês? Podia matar-te . . . não quero.

— Mata-me, que eu não perdoarei nunca a morte de meu pai.

— E quem assassinou os meus e a meus irmãos, roubando-lhes suas riquezas? Foi José Capinchos, amigo de casa. Fiz o que devia . . . Devia ter feito o mesmo em tua familia: olho por olho, dente por dente. Não quíz . . . entendeste? Deixa-me, não me procures mais ou então . . .

— Mata-me, repetia o outro, venceste, salteador, tens direito . . . Não te pouparei, se me deixas a vida.

— Vai-te, não temo os tigres. O outro montou a cavallo ralado de raiva.

Avençal foi buscar a faca na colmeia.

● capitão fez-lhe os maiores elogios.

Só Moysés resmoneou entre dentes:

— Aquella gavotta! Aquella gavotta! que tanto apreciou o cavalheiro do Amaral!

O mulato entendia que, se o irmão poupava André, era por causa de Rosita.

O vaqueano e o caçador, quando chegarão ao acampamento forão rodeados do popular, o capitão narrou o combate com to-

das as particularidades. Produzio urras e algazarra formidaveis o acontecimento.

A popularidade do moço attingio mais alguns furos.

João de Deus bebia como um inglez. Dizia elle satisfeito :

— Por Deus ! isto livra-me d'um peso de cem arrobas. Fui eu quem fez o amigo vaqueano ter a pendenga.

E os martellinhos de vinho succedião uns após outros.

### XXIII

#### A C A B E Ç A D E U M A N J O

A' noite reunirão-se na bodega do Bino Capenga, homem que seguia o exercito com negocio.

Moysés convidára seus amigos a uma patuscada, d'onde excluio a dansa, porque desde certo tempo votava-lhe singular ogeriza.

Havia que molhar a palavra, cartas e violas. Bastava.

Avençal como sempre triste.

As violas tangião.

— Lá vai verso, disse um guasca typo, de cheripá, calças franjadas e chapéo de barbicacho.

Era um bello moço que aborrecia a estada em Santa Catharina a ponto de soffrer de terrivel nostalgia.

Começou :

Já não ando enrabichado,  
Não arrasto o meu cambão !  
Aos bamburraes da tristeza  
Foi-se o pobre coração.

Que de saudades que sinto  
Das cochilhas lá do Sul,  
Dos campos, onde escarcia  
Meu pavelheiro taful ?

Ai vida longe dos pagos,  
Vida tyranna, por Deus !  
Quem não gosta da querencia,  
Da querencia que é dos seus !

Abombado, cabisbaixo,  
Ando nas terras de cá;  
Deixo as bolas, deixo o laço,  
Deixo o pingo, tudo já.

Boi chucro que vai de tropa,  
Não chora o que eu já chorei;  
Ai saudades de meu peito,  
Saudades do que deixei!

Vem-me tudo na memoria:  
As tronqueiras e o curral,  
A estancia com seus poteiros,  
O vargado e o macegal!

Vem-me a casa da Marucas,  
Junto ao serro do Bahú,  
Marucas, a morenita,  
Sem parelha no tatú.

O' tempos que eu rozeteava  
Com Marucas no serão,  
Chilenas finas de prata  
Repenicando no chão!

Adeus, barrigas — verdes,  
Já vou a monarquiejar,  
Gósto mais do meu churraseo  
Que d'esses bagres do mar.

Dos campos do meu Rio-Grande  
Muito quero e té demais;  
Eu como dos seus rodeios  
E bebo dos seus hervaes.

Volto á cancha dos amores,  
A' cancha do meu viver,  
Que só lá posso chibante  
Estar com meu bem querer.

Eh! muchacha, se me viras,  
Juráras que não sou eu;  
Pois vou-me desbarrigado  
Como quasi quem morreu.

E juráras por teu rosto,  
Encarnadinho como uvá,

Que fiquei-me sem pellego,  
E tornei-me boitata? . . .

Heup! Heup! ó meu cavallo . . .  
Ehpuxa! que vou partir! . . .  
Risca a raia e teu relincho  
Novamente faz ouvir.

Salta sangas e porteiras  
Que depressa já me vou;  
Pouco rodar e planchar-se  
A campeiro como sou . . .

Retovêi as boleadeiras,  
Nova inhapá o laço tem.  
Heup! Heup! A toda a redea,  
Priseo a priseo rompe além! . . .

Vamos, pingo, terra fóra,  
Feia terra que pizei!  
Ai saudades, ai saudades,  
Saudades do que deixei!

Terminou.

Os applausos choverão sobre o trovador, cujas palpebras humectavão-se de pranto.

— Isto sim é botar versos! Senti cá por dentro não sei o quê!

Parece que o coração também chorou-me . . .

— A quem toca?

— A mim.

— E assim proseguirão nos descantes, acabando pelo hymno a Bento Gonçalves, cuja primeira estrophe é a seguinte:

Bento Gonçalves da Silva  
Da liberdade é o guia,  
E' heróe, porque detesta  
A infame tyrannia.

Todos o entoarão, excepto Avençal.

Emquanto uns jogavão a primeira, o trinta e um e a manilha, outros estalavão a lingua nos sôrvos da aguardente que chamavão a patricia, e do vinho do reino, e alguns outros dedilhavão nos instrumentos os classicos anum, tyranna, chimarrita

e tattu, além dos improvisos e toadas e canções da época, elle, em seus pensamentos isolado da reunião, ia longe refestelar o espirito n'uma imagem pura e santa, aurora que nos primeiros annos lhe sorrira com tanta volupia, que elle pudera esquecer em muito tempo de adversidade e esquecimento de si proprio, mas que ao tornar a vê-la, fazia como reviver todo um passado risonhe, toda uma paixão nascida para ser logo suffocada nos braços da consciencia. Na atmosphera de tristeza e infortunio onde respirava, cria entrevêr uma luz . . . miragem do naufrago no meio do oceano! O mundo não tinha mais um raio para fecundar a esterilidade de um semelhante coração. A alma humana exposta a um longo periodo de angustia suprema, quêda como o rochedo do mar batido do vagalhão. Aquella não tem mais germen de crenças fundas, como este não tem mais germens de vegetação, a não ser pelas fendas uma ou outra radícula moribunda.

Um guaycanan entrou. Entregou ao caçador uma caixa, dizendo :

— Irmão, trouxerão.

— Quem? perguntou Moysés.

— Não sabe o guerreiro. Entregou a caixa uma mão estranha, que desapareceu ligeira como a nhandú do campo.

— Vamos abril-a.

Todos, salvo Avençal, rodeiarão-n'a açulados pela curiosidade.

Mal o tampo ligado com uma corda de imbé cedeu á mão de Moysés um grito de terror partio de todos os peitos, os cabellos ouçarão em cada frente.

Havia uma cabeça de mulher.

Era a de Rosita.

O vaqueano despertou da scisma, ergueu-se e veio ao grupo.

Ficou estatua.

— André Capinhos! vociferou Moysés, quasi branco de fula que estava. E não o mataste, quando hoje o podias, amigo! E voltando-se para o irrdio: Os guaycanans sigão o inimigo, tragão-n'o vivo . . . Caramba! hei de fazer o que elle ensinou-me uma vez . . .

E para os outros companheiros da tasca :

— A cavallo, patricios! Temos rebentona.

— A cavallo! ajuntarão em córo phrenetico, palpando as armas á cinta.

A sala esvaziou-se. Só José de Avençal ficára.

— Pobre Rosita! E o moço estreitou com veneração aquella cabeça inda mais bella depois de morta, pallida como um busto de lioz, com os cilios entreabertos como para inda uma vez vêr

o amante, com os labios que parecião nas inflexões em que congelarão estar pronunciando um só verbo: Avençal!

Elle beijou-a em delirio.

— Victima do meu infortunio, perdôa-me, perdôa-me . . . breve serci contigo.

E chorava, chorava o pobre moço!

## XXIV

### O PAVILHÃO TRICOLOR

O governo central assustou-se com a tomada da Laguna, via a ilha de Santa Catharina ameaçada de proxima invasão, como os navios mercantes apresados por um inimigo, cuja audacia e valor não tinham limites e chegavão até as fortificações de Tamarin e Ratonés.

Resolveu pois acabar com tão precaria situação.

Nomeou no intuito ao marechal Francisco José de Souza Soares de Andréa commandante das armas da provincia invadida, e chefe d'uma força naval ao capitão de mar e guerra Frederico Mariath.

No dia 15 de Novembro de 1839 entre imperiaes e republicanos ia renhir-se porfiada luta, em que ambas as facções tinham de cobrir-se de memoranda gloria.

Canabarro campava na bateria que defendia o porto. Garibaldi com a esquadrilla em ordem de batalha.

Rompeu o fogo . . . . .

Quantas façanhas, quantos actos de bravura e heroismo não ficarão sepultos n'esse dia em nuvens de fumo, no fundo das aguas e no estrupido da peleja?

Como Canabarro e Garibaldi sorrião jubilosos sob um céu de metralha e fogo? Leões da guerra, columnas avançadas da liberdade, cederão; mas, quando o exercito disimado por forças superiores constituiu um pugillo de bravos, quando da flotilha vião-se apenas fragmentos boiantes sobre as ondas; cederão, é certo, ao numero e recursos poderosos, não ao esforço e bizarría. Grandes na victoria e no infortunio! Grandes na derrota, porque tinham no coração as lagrimas do desespero!

Derrota!!? Não . . . Retirada gloriosa, ressaca de vagalhões que imprimirão o sello de sua pujança, onde baterão, fraccassando.



Senão, porque não os seguirão aquelles que cantavão os hymnos triumphaes? Porque deixarão-n'os voltar sem offerecer combate, quando erão senhores da liça?

Razão intuitiva. A natureza do lugar sem amplo desenvolvimento de fortificações, deslocou-os, não os venceu. O rio-grandense confia mais em seus braços de Briaréo e em seus hombros de Atlante do que nos recursos offerecidos pela engenharia militar.

Retirando-se, poucos na verdade, ainda infundião terror nas hostes contrarias, immobilisavão-n'as.

O reducto fôra arrazado. As pedras do parapeto atulhavão a berma, ostentando calva a banquetta onde pisavão tantos valentes, onde alguns davão ainda o ultimo arranco de vida pela Republica.

Mariath varava a barra.

A bandeira tricolôr fluctuava na hastea, crivada de balas, porém, como sempre, medindo altiva a bandeira do imperio.

— Collhão a bandeira! bradou Canabarro, rubro de colera, tremulo de desesperação . . . Coepuxa! que é impossivel estar mais um momento! A posição vai ser tomada . . .

É de facto varios destacamentos vinhão em direcção.

— General, deixe-a, disse o vaqueano, eu fico . . . vou dar-lhes uma lição.

O chefe o conhecia muito bem para confiar-lhe o estandarte sem susto. Não quiz saber mais, abraçou-o.

Tocou-se a retirada.

E partirão tantos heróes ainda com impetos de retrocederem, se a voz do chefe ordenasse.

Quantos n'aquelle momento não preferião ter ficado na arena da batalha, ouvindo o som estridente das cornetas?! Quantos não seguirão constrangidos? O contrario, no entretanto, era impossivel.

Mas o campeiro, onde é que vê impossiveis, elle habituado ás intemperies, vencendo dia após dia a natureza selvagem?

Partirão. Avençal só ahi conservava-se. Por minutos desaparecera na casamata. Quando voltou trazia na mão um morrão acceso. As feições ha tanto contrahidas pelos soffrimentos diffundião-se n'uma alegria intima e ineffavel. Volveu os olhos para o céo e pronunciou:

— Rosita, espera . . . é um instante.

Os imperiaes approximavão-se.

Elle espalhou um rastilho de polvora através do terraplano, da casamata até o mastro em que desfraldava o pavilhão. E sentou-se junto d'elle n'um comoro de ruinas.

Os legalistas galgarão a posição, julgando-a abandonada, com tanta rapidez que nem viera a lembrança de retirar a bandeira. Vinhão desprevenidos, porém, mal o virão, as armas procurarão a pontaria.

Não tiveram tempo.

Avençal bradou:

— Viva a Republica! E seu braço abaixou o morrão; o rastilho incendiou e . . . uma detonação horrenda, nuvens de fumo, espadanas de fogo!

Quando o ar desannuviou vio-se que o pavilhão da Republica não costumava render-se: ardia com seus inimigos.

Em frente á barra da Laguna ou do Tubarão demora a ilha dos Lobos. Enquanto o combate seguia as diversas evoluções, ali sobre um penhasco um homem contemplava impassivel a scena. O fresco do mar açoutava-lhe a fronte, e as ondas marulhavão-lhe ás plantas sem demovel-o.

Tinha a physionomia carregada de odio. Parecia o ideal do máo genio assistindo o espectaculo da destruição entre os homens.

A rocha, que lhe servia de pedestal, não era mais immalleavel, aspera e dura do que a tempera de seu character.

Vio a explosão.

O lampejo d'um presentimento illuminou-lhe a alma, sorrio. Sorrio: — como Caliban ou Mephistophcles! Instillação de fel e veneno!

— Meu pai, exclamou, gesticulando para o céo, estás vingado!

Meia hora depois um cadaver surgio ao longe. O sangradouro o vomitava ao oceano. Elle em cima do rochedo como o abutre farejando a préa, estendeu a vista e extorceu-se no accesso d'uma gargalhada.

— E' elle! E' elle! freímio.

E arrojou-se ao mar após o corpò do morto.

Este homem era André Capinchos.

Moysés chorava no acampamento.

O caso era virgem, por isso mesmo teve o respeito de todo o exercito.

N'aquelle dia que ia finir, perdera o querido irmão e quasi todos os indios, seus fieis companheiros.

Os guaycanans desaparecerão para sempre da terra, entravão no dominio da posteridade, como uma tradição. Alguns vinte sobrevivião feridos e mutilados; poucos para representarem sua tribu guêrreira.

Mas não era só a face do mulato que rorejava.

Todos que conhecião o vaqueano, inda que muitos lhe invejassem a morte, choravão-n'õ. E' que o pranto é sempre o epitaphio da saudade n'uma ruina, onde vicejão flôres olentes.

CONTOS DO GRANDEZES

1869.

INTRODUÇÃO

IRIÊMA.

Quando se tratava de um caso de honra, a sociedade brasileira sempre se agitou. A honra era considerada como o fundamento da moral e da civilização. E, portanto, quando alguém a violava, era considerado como um criminoso. A honra era, portanto, o fundamento da moral e da civilização. E, portanto, quando alguém a violava, era considerado como um criminoso.

**R I M**

Como se vê, a honra era considerada como o fundamento da moral e da civilização. E, portanto, quando alguém a violava, era considerado como um criminoso. A honra era, portanto, o fundamento da moral e da civilização. E, portanto, quando alguém a violava, era considerado como um criminoso.

## CONTOS RIO-GRANDENSES

---

### INTRODUÇÃO

Quando as saturnaes do imperio, no proscenio immenso da França de Napoleão III, se representavão, e que as actrizes semi-nuas aos applausos phreneticos da multidão, calcavão com passo ousado o tablado, que saudoso recordava as éras de Corneille e Hugo; quando reboava nas vastas abobadas odeoneas gargalhadas do truão, murchas pendião, desfolhavão-se no chão dos cemiterios as corôas de harmonias d'essas frontes sonhadoras.

Como no chão do alcouce ao calor do seio da cortezã, as violetas pallidas, murchão, tombão sobre a tapeçaria lubrica.

Fugido do pestifero solo, lá no seu rochedo de Guernesey, a sós com suas meditações, espraiano ás vezes o olhar incerto na vastidão immensa do oceano, ás vezes fixando olhos prescruadores á varárem as nevoas alvadias, que do mar segredão ás costas verdejantes de sua patria; a sós com Deus, a solidão, a natureza, suas cogitações, e seu amor eterno á morta republica — na energia das paixões que tumultuavão-lhe no peito, é que encontrava Victor Hugo forças para resistir ao pendor fatal, para fulminar com as vozes timbradas de uma eolera omnipotente, ao homem negro, que embalde escorava o throno vacillante na ponta das bayonetas. Como que em seu coração abrigavão-se offegantes as tempestades que gemem no mar da Mancha, para depois mais divinas rugirem no céu da Europa.

Assim, não é no bestial materialismo presente, na submissão do homem degradado, sem outras ambições mais que as dos irracionaes, ao despotismo real; na abjecção do homem — machina ás mãos da realza — que se crião essas individualidades poderosas, que como as pyramides do Egypto emergindo nos céos a cabelleira, desafião a rasoura dos tempos impossiveis, symbolizando a grandeza excelsa de um povo morto, cuja sepultura os seculos guardão. Não é deixando-se insciente encurrular no redil onde o imperialismo tosquia o rebanho romano.

E' necessario o fogo interno irromper do coração impetuoso á voz senhoril do poeta, como ao toque da varinha magica do Moysés da Biblia, do rochedo agreste brotou a lympha espumante, em jorros de limpida agua. Mas, ai! que n'esta opulenta região da America, a litteratura, verdadeiro espelho do adiantamento moral do povo, jaz em completo marasmo, como a sociedade que reflecte. Mal destôa d'esta geral pasmaceira, de vez em quando alguma nova inspiração da musa esplendida do grande poeta prosador, a quem admiramos e veneramos como o mestre de nós todos, que vem nos mostrar, que ainda algum sopro vital corre no peito d'esta nacionalidade.

A litteratura resente-se do abatimento geral. Não assume as proporções epicas de mais faustosos periodos. Em vez de produzir Hercules e colossos, potencias de força que quebrão as cadeas do pensamento humano e abarcão na alma os conhecimentos universaes, consente em um mundo á parte creado de rosas nuvens de dourada phantasia, — que se criem typos sympathicos, que se não têm a magestade das gigantescas estatuas que a antiguidade pagã levantava no marmoreo templo dos deuses, ao menos possuem a belleza gentil das estatuas que palpitão nos focos de marmore ou jaspe sob o delicado cinzel do artista moderno.

Talentos de segunda plana, divagão nas alamedas feiticeiras da poesia. Não vão fazer interrogações á sphinge das gerações idas, não se debrução sobre o tumulo da humanidade a escutar mysterios de além-mundo, nem em si encarnão a individualidade d'um povo, fazendo affluir ao seu coração todos os sentimentos que possam commover uma nacionalidade; mas deixão impressa a pagina traçada aos posteros para compillarem na epopea popular, da vida de uma geração. Apraz-lhes a sós scismarem nos encantos da uyára, nos vagos murmurios da tarde, mescla de suspiros da natureza, harmonias do arroio que se espreguiça no sangão, melodias das arvores que balanceão na ladeira do morro, a confundirem-se com os lamentos ternos, saudosos da jurity no capão da canhada que além recorta a varzea.

O lyrismo é a voz que solta a civilisação infante nas canções

suspiradas junto ao berço de uma nacionalidade. N'estas vozes mais odoríferas que as cachopas da baunilha, que as candidas flôres do bogari, aspira-se um perfume inebriante de cavalheiresco entusiasmo e energica fé, que parecem apontar um futuro de esperança a compensar o presente de desenganos.

O poeta reconcentra-se no seu mundo interior, e percorre em sua lyra dourada a escala das notas que dizem: — amor! e de sua alma transbordão torrentes de lyrismo.

O Brazil acha-se ainda n'essa quadra juvenil: e a litteratura nacional mal tactêa nas trévas em busca da vereda que guia ao futuro.

Aos jovens sectarios do progresso, ainda não gastos nos brios do materialismo, cumpre na escuridão ascender o facho luminoso da intelligencia; a elles cumpre ser os ousados bandeirantes, que vão nos sertões selvagens da poesia buscar as gemmas preciosas que fulgem no amplo veicrô.

A nossa litteratura não deve continuar a ser sedicã imitação da portugueza, como prega o Dr. Nabuco. Deixemos que gema o Tejo o hymno seu tradicional junto ás muradas de Lisboa, que o Amazonas, que o Tocantins, bufando se deixão rolar pelos sertões, nos espasmos da pororoca! Que o vate luzitano recorde, á sombra das faias que ensombrão os vergeis da patria, os aureos dias de Affonso de Albuquerque nas terras do Oriente, que o Brazil jámais contemplou o céu da Asia, jámais lusteou o seu pendão ás lufadas das auras dos mares da India, ou fez ouvir seu nome aos gentios de Malabar.

Desde a mais remota era colonial teve o Brazil caracteristicos de povo original, quer influenciado pela natureza, clima e tradições anteriores, quer pelas relações especiaes que desde logo contrahio com o paiz selvagem. A lingua enriquecida por neologismos, quer de raiz estrangeira, quer propios, quer indigenas, se transforma a olhos vistos. A nossa raça tambem não é tão portugueza como muitos dizem, nem tão abundante em nossas veias o sangue caucasiano.

As nossas tradições remontão ao descobrimento, mas não atravessão os mares; antes radicão-se na America. Da Europa nos veio o fermento de mais apurada civilisação, instituições que não satisfazem as maximas divinas do christianismo. Isto, porém, não basta ás nossas aspirações, que nos mandão além discurrer em busca de ideal digno.

Em materia litteraria devemos ter individualidade propria. Quando rôtos estão os ferros que nos prendião á metropole, o

para sempre repellido o jugo politico de Portugal, não podemos continuar intellectualmente escravos da velha mãe-patria, nem sujeitarmos o pensamento nacional ao despotismo senhoril. No banquete da civilisação a terra de Santa Cruz para si toma lugar.

O Brazil litterario a imitar Portugal, fica seriamente embatucado! Affigura-se vêr um bom gaúcho dos pagos rio-grandenses, acostumado ao churrasco mal assado e ao saboroso mata-hambre, nos apuros terriveis de engulir o apetitoso caldo verde de Balbão ou São Cosme n'aquellas saudosas noites da espadellada do Minho; ou ter de sorver respeitavel tijella de caldo d'unto, labios que conhecem o sabor da caúna que verdeia no concavo da cuia prateada! Ai! guasca, que bailas no rancho colmado do sapé, ao saudoso descante da viola, com as morenas chinócas, o teu voluptuoso tatú, a tua tyranna, ou o enthusiastico carangueijo, — que grotesca figura não farias de poncho, chiripá e chilenas, na roda dos rapazes d'aldêa, a sapatear com as Marias e Therezas as mais requembradas figuras da canna-verde! ?

A nacionalidade brazileira fez-se com elementos portuguezes mesclados ao indigena e africano, de modo que na familia humana formamos já raça á parte. Dos da antiga metropole differem muito os nossos costumes; mui diverso é o nosso sentir; outra é a face do nosso character: pois em nossa nacionalidade pulsa o coração americano, e á nobres commettimentos nos impelle a alma do novo mundo, que a nossa intelligencia ardentisa. Aggregue-se a esses elementos o sangue germanico que infiltra no corpo das provincias meridionaes certo especialismo, e o genio francez de que se satura o Rio de Janeiro que vai tomando especial feição, — a expellirem o velho ranço luzitano.

Differentes periodos póde espelhar a litteratura nacional; começando o primeiro indubitavelmente na época do descobrimento, quando audazes navegadores portuguezes levantarão em terra desconhecida ao céu americano os braços agigantados da cruz, primeira obra que ergueu a industria europeá na terra selvagem. Abrange as primeiras lutas do colono europeu com o indigena habitante das costas; para levantar o seu rancho nas praias do Brazil, onde se devia crear nova civilisação que homologasse raças diversas em um povo só.

Vai o segundo do descobrimento á independencia de vinte dois: corre desde a tyrannia dos governadores e capitães-móres até á agonia do velho regimen despotico ás mãos do absolutismo inaugurado pelo Duque de Bragança com o imperio das bananeiras e melgueiras tambem! Acompanha as pugnasdo invasor com os aborigenas em demanda de terra; emquanto os apostolos do novo mundo em pesca de almas para a não da

Eternidade affrontavão sós, inermes, o deserto inexplorado, o adão filho da natureza selvagem apresentavão pallida, ensanguentada a imagem do Christo Redemptor. Segue como aventureiro das bandeiras pelas emmaranhadas florestas sombrias, a soffrer inclemencias do tempo e da natureza, perseguido pelo indio vingativo, exposto á sanha das feras e ao traço do reptil, em cata do precioso metal que a grupiára esconde avára no seio da terra. Vê por vezes o colono barbaro e ambicioso perseguir, quaes pantheras, aos filhos primitivos das florestas natalicias; por vezes colligado a uma tribu combater outra diversa, e ligada a esta, combater aquella, dando por todos os meios ao seu alcance ao pobre indio ou o exterminio ou a escravidão; por vezes ao lado de Vieira, sob o pendão de Portugal combaterem as hostes gloriosas de Vidal de Negreiros, os robustos negros de Henrique Dias e os intrepidos guerreiros potyguaras de Camarão, contra os valentes soldados de Batavia. Esta guerra apresenta erguido contra o estrangeiro o consorcio de tres raças organicas de nossa nacionalidade.

Protesto contra escriptores brasileiros que nos apresentam como um prolongamento da mãe-patria, na America, a cauda de Portugal, da Europa estendida por sobre o mar a pousar n'este continente; e que nos negão injustamente toda a individualidade propria. Desconhecem ou fingem desconhecer o nosso paiz, o povo que o habita desde o vaqueiro do Pará ao gaúcho do Rio Grande, do tropeiro de S. Paulo ao roceiro de Minas, d'este ao boiadeiro do Ceará, do boiadeiro ao tabaréo de Pernambuco e d'ahi ao inculto mineiro de Goyaz, e no meio d'esses matizes diversos um amalgama indeciso, confuso da população das cidades populosas em que predomina certo cosmopolitismo.

O Dr. Joaquim Nabuco, muito brillante intelligencia da geração nova, justamente entusiasmado pelos Lusíadas do velho Camões, desconhece o sainete brasileiro que ostentão os deliciosos livros do Alencar, as paginas sublimes do Luiz Guimarães Junior e as producções sempre formosas do Bernardo Guimarães, do Macedo e outros; sainete que vê-se sempre, mesmo nas mais ligeiras producções do nosso illustrado Iriêma.

Pedra de escândalo para o Dr. Nabuco é o indio brasileiro tantas vezes poeticamente photographado por Alencar e Bernardo Guimarães, Felício dos Santos; e suas lendas e mythos, tão deliciosamente narrados pelos labios eloquentes de Gonçalves Dias. Não quer que o poeta nacional enxergue na historia da patria mais que o vulto do colono portuguez, nem n'este solo americano mais do que o chão que pisa. Para elle nada temos de commum com a raça indigena, nem o berço onde fomos acalentados, nem a terra-mãe, cujo regaço se nos abriu ao primeiro



despertar na vida. No entanto consorciou-se com o colono, tão intimamente ligou-se a elle o povo aborigena, que nós seus descendentes herdamos tantos termos e expressões indigenas, tantos idiotismos originaes, que não ha negar.

Aos nossos rios, montes, arroios, serros, damos nomes que não se pronunciação do outro lado do mar; ás nossas arvores, animaes e passaros damos nomes que o portuguez não pronuncia sem estropiamento terrivel. Muitos dos seus usos e costumes, de seus objectos domesticos, de seus manjares hemos adoptado.

Entranhai-vos pelas campinas do Rio Grande; ide aos nossos pampas, e tomai pouso entre os generosos gaúchos. Convivei com elles algum tempo, o preciso para estudardes-lhes a feição do character, costumes e indole: aprendei as suas phrases picturescas, as suas tradições — crenças e religiões.

Vel-os-heis, por exemplo, ao mesmo tempo, que fazem uma promessa ao milagroso Santo Antonio, irem mais confiadamente accender uma vela de sebo no fundo da canbada ao negrinho do pastoreio, para que lhes traga a egua madrinha que se extraviou da manada.

Vel-os-heis credulos como bons catholicos apostolicos etc., no poder de Roma e na tinhosidade do diabo, recuarem pallidos, espavoridos á repentina appareição do boi-tatá no alto da cochilha fronteira, ou arrepiarem-se todos com a idéa de que em alguma noite em que dormissem descuidados, aproveitando-se das trévas, lhes viesse o traiçoeiro caipora lhes chupar o sangue. N'elles achão-se até consorciadas ás crenças catholicas ás superstições selvaticas, bem como são de raça — mais americanos do que caucasianos.

Não podemos, pois, na confecção de nossa litteratura repellar o indigena, nem suas lendas, que nos forão contadas na doce toada do adormecer n'essas longas noites de inverno, quando a chuva abundante, gemendo cahe na calçada e o vento sacode raivoso as arvores do quiutal, enquanto nós cheios de temor infantil nos aconchegamos ao seio materno, e uma por uma engulimos as tão suspiradas palavras da historia que nos prende.

Depois d'este cavaquinho que me será de bom grado desculpado, fechemos o parenthesis que já se tornava extenso, e progijamos.

A independencia de vinte dois fecha o periodo propriamente historico, e apresenta-nos a pagina da vida contemporanea. Aqui cessa a época colonial e começa a vida da nação, que reclama lugar no concilio dos povos no vaticano da civilisação. A litteratura reflexo d'esta época, como a das outras duas co-irmãs mal balbucia ainda.

A sociedade brasileira com o tal grito do Ypiranga, e mais

ainda com as negociações diplomaticas d'el-rei de Portugal e Algarves, d'Africa, Asia e Oceania, d'aquem e além mar, com o seu filho imperador do imperio da cruz sagrada, tomou outro aspecto porque teve o seu *eu*. Ao vice-rei succedeu o imperador; os governadores chrismarão-se presidentes.

Em vez das bravas milicias de outr'ora, temos a briosa cívica, um exercito de condecorados, uma legião de barões de todos os formatos e feitios, e uma guarda pretoriana de calças azues. Tudo tomou nova figura, até a caranca antiga dos prepostos d'el-rei, que se ameiçou e dulcificou — que tem a elegante suavidade da prazenteira physionomia de Anisio, e o meigo sorriso que esfrola os labios do Sr. Paranhos.

O carrancismo antigo dos velhos de rabicho cedeu lugar á branda e estirada indulgencia moderna, que não estabelece em negocio publico limite ao amigo patoteiro.

A sociedade completamente transformou-se; banirão-se os lenços de Alcobça e as missas de madrugada; os pais quebrarão as rotulas, e as filhas esvoação, borboleteão nos bailés do Cassino; e até das beatas a phalange dissolveu-se; para crear-se das peccádoras o exercito. Os juramentos não se fazem mais em nome do pio, clemente, immortal, etc., el-rei Nosso Senhor, mas sim, do mui alto e poderoso monarcha a quem Deus guarde etc., Sua Magestade o Imperador constitucional, defensor perpetuo do Brazil, etc. e tal, como é de estylo e uso.

A antiga côr local do paiz cambiou de aspecto. Hoje só longe dos centros populosos se encontra o viver de nossos avós rude e singello, ainda não embuido do character forasteiro, que comecão as nossas cidades ainda as mais despovoadas, a tomar; só nos remotos sertões, na vastidão da campanha se encontrão, a par da santa ignorancia, os costumes patriarchaes de nossos antepassados. No attrito da civilisação das cidades as tradições do povo, gastas pelo dente acurado das transformações diluidas se esvaem; só longe do rumor e do bulicio encontral-as-heis no rancho do tropeiro, ainda recedentes do agreste perfume do manacá.

As faces multiplas de nossa nacionalidade estão a convidar pintor, que lhes tire as feições peculiares de sua physionomia, em partes insinuante e attrahente, e no todo — vaga, indecisa.

Póde tambem a nossa litteratura diante dos temiveis problemas, que lhe apresenta a sphinge da escravidão, tomar o character social e philosophico, e ascender ás regiões altas da especulação humanitaria.

Não necessitamos passar o Atlantico para irmos buscar na patria de Camões a inspiração, que chove nos raios brilhantes do

sol da patria; nem encostarmos na velha fonte da Castalia labios sequiosos, quando a Tijuca debruçada do môro nos offerta o seio inexgotavel da poesia, emquanto a ultima canção da tarde vibra sandoso o sabiú nas mangueiras da encosta, e toda em perfumes desfaz-se a baunilha aos calidos beijos do aracaty da noite que se apropinqua.

O leitor desculpará esta longa divagação, mais um peccado litterario de que sou responsavel perante o tribunal das letras. Quiz expender algumas idéas, e fui mais longe do que pretendia.

Ao findar estas linhas tenho em mente escrever, se dispozer de tempo, alguns contos ou narrações a que este embroglio serve de prologo. Serão tentativas romanticas de caracter nacional. Conceda-me, pois, indulgencia.

VICTOR VALPIRIO

Pelotas, 5 de Outubro de 1872.

---

# RISOS E LAGRIMAS

---

ACTO 1º

QUADRO 5º

A mesma decoração do primeiro acto

SCENA I

Manoel, Margarida

MARGARIDA — Té que afinal chegou o dia desejado.

MANOEL — E a embrulhada, a embrulhada, Sra. Margarida? Vmc. é uma mulhersinha como eu procurava . . . Palavra que eu nunca me enganei.

MARGARIDA — Está muito curioso?

MANOEL — Se não hei de estar.

MARGARIDA (*mostrando uma carta*) — Pois aqui a tens; tanto fiz que apanhei-a . . .

MANGEL — Louvado seja Deus! Vamos a isso, dê-m'a cá, Sra. Margarida . . . Ainda bem que aprendi o meu poucachito a lêr . . .

MARGARIDA (*dando-lhe a carta*) — Curiosos, curiosos que são estes homens!

MANOEL ( *lendo mal*) — Paris, 5 de Maio de 1850.

Meu querido Paulo.

E' possível que não nos vejamos mais. Estou desenganado pelos medicos e as forças quasi me abandonão n'este momento. Antes, porém, de fechar os olhos devo revelar-te um segredo que teu pai confiou-me nos seus ultimos instantes. Deve existir ahi na casa de um negociante por nome Fernando de Magalhães uma menina que deve contar hoje 18 annos, chamada Adelaide. Essa infeliz creatura, abandonada no primeiro dia de existencia, é tua irmã. Cumpre-te fazer por ella o que teu pai esqueceu. Adeus, recebe a ultima benção de teu padrinho.

LUIZ AMARAL DA CUNHA.

MARGARIDA — E então?

MANOEL — Foi uma obra do céo esta carta! (*comsigo*) Por isso a Sra. baroneza foi lá para o convento . . . An, an . . . por isso . . . Aquella mulhersinha era mesmo o tinhoso! . . .

MARGARIDA — E o que é feito do Dr. Paulo?

MANOEL — Eu sei cá, ninguem mais o vê, desapareceu . . .

Ah! Sra. Margarida, em tudo lá vem o dedo de Deus! Estou realmente contente! . . . Se não hei de estar, quando a minha querida Sra. D. Adelaide, que vi crescer, que acalentei n'estes braços . . . estou pelos cabellos de contente!

MARGARIDA — Outro tanto não digo eu, Manoel; não reparas como anda triste a menina Octavia? . . . Pensas que eu não sei o que é aquillo? . . .

MANOEL — Sim? sabe? O que é, Sra. Margarida? Eu tambem penso que sei . . . olhe . . .

MARGARIDA — Uns riem e outros chorão! . . . Para aquelle mal não lhe vejo remedio! . . . (*enxuga os olhos*).

MANOEL — Está bem, vamos cuidar do serviço . . . (*sake*).

MARGARIDA — Pobresinha, pobresinha!

## SCENA II

Margarida, Octavia

MARGARIDA — Ahi vem ella . . . Pobre menina, pobre anjo!

OCTAVIA (*visivelmente abatida; andar vacillante*) — Deus, santo Deus, o que será de mim?! . . . Já não tenho lagrimas . . . A minha razão perde-se, eu enlouqueço! . . . Onde maior supplicio?! . . . (*ajeitlando-se*) O' mãe da minh'alma, tu que vives lá no céu ampara-me, intercede por mim . . . leva a tua filha d'este exilio . . . O' minha mãe! minha mãe! . . .

MARGARIDA (*aproximando-se*) — Resignação, resignação.

OCTAVIA (*erguendo-se tomada de susto*) — Ah! quem é?! . . .

MARGARIDA — Sou eu, sou eu, minha querida senhora. O que se ha de fazer? Porque chora assim? . . . Isto córta o coração.

OCTAVIA — Ah! Margarida, Margarida!

MARGARIDA — Resignação . . .

OCTAVIA — Resignação, dizes tu! Perdia-a, Margarida, perdia-a para sempre. Quero morrer com este amor, com este culto immenso, que foi o primeiro e ha de ser o ultimo.

Ha quatro annos, ouviste, Margarida, ha quatro annos que esta chamma devora e consome a minh'alma. Não posso sobreviver mais um dia, não posso, é impossivel!

MARGARIDA — E porque veio? Eu bem lhe dizia.

OCTAVIA — Queria vir, precisava vir . . . Estou assistindo os meus proprios funeraes. (*pausa*) Para ella um altar, a felicidade, o amor; para mim — um tumulo, o esquecimento. Nada mais espero, nem desejo, Margarida. Assim ama-se uma vez na vida; amor que nasce e floreja enlaçado ao coração para morrer e extinguir-se com elle.

MARGARIDA — As cousas parecem sempre peiores do que são . . . Espere pelo tempo, que é remedio santo . . .

OCTAVIA (*impaciente*) — Cala-te, cala-te, Margarida; -não digas mais uma palavra; deixa-me, deixa-me por Deus, vai te!

MARGARIDA (*retirando-se*) — Eu vou, não precisa zangar-se, não fique mal comigo . . .

OCTAVIA (*arrepesidida*) — Mal comtigo? O' não, minha boa Margarida; tu não me comprehendes, não podes comprehender esta situação desesperada! Já nem sei o que digo, nem o que faço . . . Perdôa, o meu espirito perde-se diante d'este abysmo em que me despenho. Perdôa, bem sabes quanto te quero . . . Eu não minto Margarida, amo-te quasi como se fôras minha mãe! . . . Mereces bem este dôce nome; és digna d'elle . . .

MARGARIDA (*commovida*) — Porém a menina . . . Emfim, eu não devo fallar; comtudo, eu cá sei . . . A's vezes o melhor é a gente não se mortificar assim . . . Não quero dizer que . . . A menina, sim . . . (*Octavia mostra-se impaciente*) Depois está tão moça . . . depois o tempo . . . Ah! não se zangue . . . eu não estou dizendo que a menina . . . Vem gente.

SCENA III

**Octavia, Fernando de Magalhães**

OCTAVIA (*consigo*) — Vai-se approximando a hora.

MARGARIDA (*sahindo*) — Até já . . . (*baixo*) O Senhor se compadeça d'ella.

F. DE MAGALHÃES (*traja casaco*) — Ah! por aqui a menina?

OCTAVIA — Cheguei agora. Então, está muito contente, Sr. Magalhães? . . .

F. DE MAGALHÃES — Infelizmente a festa não é completa. Riem uns e chorão outros. Pobre baroneza, infeliz irmã! . . . Lá vive isolada n'uma cella . . . Se a visse admirar-se-ia; tão differente que parece outra.

OCTAVIA — E que novas tem tido do Dr. Paulo de Benjamin?

F. DE MAGALHÃES — Até agora nenhuma. Seguiu para os Estados-Unidos, e nem sequer uma carta. (*pausa*) Como aquella natureza tambem mudou! . . . O contacto da irmã regenerou-o completamente: é que a virtude triumphava sempre e o vicio tem o seu dia de expiação. Veja o commendador Torres, do alto da opulencia desceu ao calabouço. Deixou de ser um millionario, é um calceta!

OCTAVIA — Porém, fallemos de Adelaide; fallemos de sua felicidade.

F. DE MAGALHÃES — Da sua felicidade? . . . E quem póde responder pelo futuro?

Tenho cuidados; se os não tivesse seria um indifferente criminoso. Que quer, faço as vezes de pai; não zélo o que é meu; desvelo-me por um thesouro que a Providencia confiou-me.

OCTAVIA — Duvida do amor de Julio?

F. DE MAGALHÃES — Não disse tal; creio n'elle sinceramente.

OCTAVIA — E deve crêr. Adelaide não estende a mão a um homem rico, é certo; porém adormecerá tranquilla sobre o thalamo conjugal embalada aos canticos de um amor condigno da sua ternura. O sanctuario domestico semelha ao templo do Senhor; não carece de galas nem louçanias; quanto mais simples e modesto, maior religião inspira.

F. DE MAGALHÃES (*applaudindo*) — Bravo, bravo!

OCTAVIA — Quando a Providencia nos concede uma alma irmã da nossa, medir então os sacrificios seria o mesmo que interrogar-a o que nos dá em paga, se offerecemos um obulo ao necessitado que bate á nossa porta. O amor que calcula, deixa de ser um perfume da alma para tornar-se um miasma da abjecção:

não eleva nem exalça a creatura; deprimi-a, rebaixa-a. É a degradação moral, a torpeza que embota e aniquila os sentimentos, agrilha a liberdade, esmaga os affectos!

F. DE MAGALHÃES — Tem razão, a senhora é um anjo; é assim que elles devem fallar.

OCTAVIA — Acredite, Sr. Magalhães, o futuro de Adelaide ha de ser risonho.

F. DE MAGALHÃES — Deus queira, Deus abençoê as suas palavras. (*escutando*). Batem palmas . . . E' talvez o noivo . . . Com licença, até já. (*Sabe*).

#### SCENA IV

**Octavia, depois Adelaide (vestida de noiva)**

OCTAVIA (*caminhando á esmo*) Emfim, está completa a minha missão . . . Agora . . . nada mais resta . . . Acaso posso eu viver mais um dia?! . . . Resignação, dizem elles . . . Resignação quando a vida é um cilício! . . . Não sabem o que dizem, estão loucos! . . . Resignação! . . . Querm-me viva morrendo todos os dias! ( *vendo Adelaide*) Ah! como estás linda!

ADELAIDE — Sim? (*beijando-a*) Lisongeira! (*reparando nos olhos de Octavia*) Querida, tu choravas! . . . Não negues, meu anjo, os teus olhos condemnão-te.

OCTAVIA (*contrariada*) — Os teus é que te illudem.

ADELAIDE — Eu não me engano, meu amor; d'esta vez convenci-me, senti a realidade, deparei com ella . . . basta olhar para o teu semblante . . . A tua face ainda está humida . . .

OCTAVIA — Estás brincando . . .

ADELAIDE — Deus sabe o que silencia o teu pobre coração!

OCTAVIA — Nada realmente, acredita . . .

ADELAIDE — Não posso . . . O teu sorriso contrafeito reflecte a melancholia de tua alma; através d'essa alegria simulada transparece um doer profundo, immenso . . . Sofres, Octavia e a tua mudez flagella-me . . .

OCTAVIA — Queres que eu minta?

ADELAIDE — Queria que fosses sincera; sou digna das tuas confidencias . . . Se é um segredo triste, confia-m'o sem receio; quero partilhar as tuas magoas . . . Dá-me um quinhão do teu infortunio . . . Reparte commigo as tuas lagrimas!

OCTAVIA — Caprichos, lagrimas de criança . . .

ADELAIDE — De martyr, dize antes!

OCTAVIA (*agitada*) — Mudemos de assumpto . . . Fallemos antes de ti . . .



ADELAIDE — Escuta. Ha dois mezes, n'aquellas salas, entre o ruido da multidão, cortejada por uma turma de admiradores, eu sentia-me só e triste. Meu coração derretia-se em prantos . . . meus labios saturados de fel soltavão a phrase da loucura; eu procurava a morte como unico lenitivo, e teria morrido de desalento se um anjo tutelar não viesse amparar-me sob suas azas candidas e protectoras! . . . Esse anjo — foste tu, Octavia, foste tu, meu amor!

OCTAVIA — Não tens que agradecer-me . . .

ADELAIDE — Ai dos que soffrem, se não achão lá nas trevas da existencia uma alma caritativa e meiga, uma mão amiga, um sorriso celeste, uma voz como a tua, consoladora e providencial! Deus mandou-te á solidão de minh'alma; nas tuas azas de anjo trazias a luz da esperança, que me faltava!

OCTAVIA — Deus, sim, foi Deus quem guiou os meus passos.

ADELAIDE — Hontem — era meu padrinho arrancando-me ás portas da miseria e luto, abertas de par em par para receberem mais uma victima! . . . Quem ignora a sorte cruel e nefanda de quasi todas essas creaturinhas que uma mãe repellio e engeitou, que nunca sentirão os affagos maternos, nunca a doce e suavissima alegria do lar!! . . . Eu avalio as vossas lagrimas, minhas irmãs! . . . (*sobucando*)

OCTAVIA — Para longe idéas tristes . . .

ADELAIDE (*enxugando as faces*) — Depois vieste tu . . . salvaste-me! . . . Pois bem, abre-me o cofre das tuas dôres, mostra-me o ~~segredo~~ das tuas angustias . . . Encosta a fronte desalentada sobre o meu seio . . . Dá-me metade dos teus espinhos cruciantes . . . Tu soffres, Octavia, e eu não posso vêr-te assim, isto não pôde, nem deve continuar!

OCTAVIA (*afficta*) — Depois, depois . . . alguém se aproxima, cala-te, minha querida!

## SCENA V

As mesmas, Ricardo da Silva, Fernando de Magalhães

F. DE MAGALHÃES — São mesmo duas pombinhas arrulhando! . . .

ADELAIDE (*lançando-se ao pescoço de F. de Magalhães*) — Meu rico padrinho!

OCTAVIA (*baixo ao pai*) — Meu pai, meu pai!

R. DA SILVA — E' preciso agora que ninguem veja as tuas lagrimas!

F. DE MAGALHÃES — Olha que me esmagas assim, rapariga! Estás amarrotando-me a camisa!

ADELAIDE — Tenho tentação de dar-lhe uma duzia de abraços . . .

F. DE MAGALHÃES — Se o noivo ouvisse . . .

R. DA SILVA — Teria ciumes, não é verdade?

F. DE MAGALHÃES — Quero vê-la de longe . . . Afaste-se . . . mais . . . ainda mais . . . alto, *stop!* Que prenda! . . . Ciumes tenho eu . . . Por Deus que fallo sério. Dar um mimo d'estes . . . Custa, custa muito!

R. DA SILVA — Tem razão, sei avaliar.

ADELAIDE — Ainda está em tempo, padrinho . . .

F. DE MAGALHÃES — Como ellas são, Sr. Ricardo . . . Zombão depois.

ADELAIDE — Bem sabe que metade d'este coração pertence-lhe.

F. DE MAGALHÃES — Metade?

R. DA SILVA — E é contentar-se.

F. DE MAGALHÃES — Isto agora, depois . . . fica um homem atirado ahí para um canto. Promettem e faltão . . . Ah! que se não andarem direitinhos! . . . (*conversa com Ricardo*).

ADELAIDE (*á Octavia*) — Nem ao menos um sorriso n'este dia?!

OCTAVIA — Não crês nas almas predestinadas para o soffrimento?

ADELAIDE — Ah! confessas então?! Obrigada! mil vezes obrigada!

OCTAVIA — Hei de dizer-te . . . um dia, amanhã . . . Não fiques triste . . .

ADELAIDE — A vida é assim, Octavia; o coração humano confrange-se até nos momentos mais venturosos! Eu mesma sinto aqui alguma cousa que amargura. (*pausa*) Não falta aqui alguém?

OCTAVIA — Fallas da baroneza?

ADELAIDE — Sim, cresci ao seu lado, na infancia gozei dos seus carinhos . . . A gratidão é sempre uma virtude!

F. DE MAGALHÃES — Está bem, são horas . . .

UM CRIADO (*annunciando*) — O noivo.

OCTAVIA (*comsigo*) — Meu Deus!

F. DE MAGALHÃES — Vamos?

ADELAIDE — Dá-me o teu braço, Octavia.

OCTAVIA (*agitada*) — Vai indo . . . só dois minutos . . . eu já vou . . .

(*Adelaide e F. de Magalhães sahem vagarosamente*).

SCENA VI

Octavia, Ricardo da Silva

OCTAVIA — Vê, meu pai? Já não tenho lagrimas!

R. DA SILVA — O' Deus de Misericórdia! . . . Resignação, filha, coragem, Octavia! . . .

OCTAVIA — Sempre esta palavra maldita! . . . Deixem-me! . . . Afastem-se! . . . Não os quero vêr! . . .

R. DA SILVA — Filha da minh'alma?! . . . E' teu pai quem te falla, escuta, ouve . . . Octavia, Octavia! . . . Ah! louca!!  
(*soluçando com desespero*).

OCTAVIA — Lá estão . . . os anjos descem sobre elles . . . Sobem agora o altar . . . fazem oração . . . como estás linda, Adelaide! E tu . . . Julio . . . não me conheces mais? . . .

R. DA SILVA — O' Deus, Deus!! . . . Se não podes salvá-la, mata-me também!

OCTAVIA — Não ouvem? . . . Vai começar o baile . . . Que harmonia celeste . . . Então, Julio, não danças comigo? . . . E a tua noiva . . . onde está ella? . . . Ah! sim . . . estou vendo . . . (*convulsiva*) Afastem-se! . . . deixem-me passar! . . . Deixem-me passar!

(*N'este momento abrem-se os reposteiros do fundo e apparece o altar illuminado; tem-se concluido a cerimonia. Julio de braço com a noiva, em seguida F. de Magalhães*).

R. DA SILVA (*mostrando a filha*) — Está louca a minha filha!  
TODOS — Louca?!!

(*Octavia solta uma gargalhada estridente, cahindo amparada nos braços de Julio e Adelaide*).

F. DE MAGALHÃES (*apontando para o quadro*) — O quo é a vida! — Risos e lagrimas!

FIM DO DRAMA.

# MONOGRAPHIA

---

I

## A GRUTA DAS BORBOLETAS

« Ha poucos objectos naturaes que, vistos pela primeira vez, excitam tanto a curiosidade e affectem a imaginação, como as cavernas ou grutas. »

Os lugares denominados de — Cima da Serra — nesta localidade que eu conheço, são ricos de variadas paisagens, amenas, cheias de poesia, e que convidão á meditação. Em seus devaneios quiz a natureza com profusão espalhar n'este grande braço da serra, que se prolonga para o sul, copiosa diversidade de suas obras incomparaveis, — qual o artista que, não contente com as dimensões grandiosas do edificio que concebeu e erigio, quer ainda ornal-o com os primores do cincel. Mas, os camponezes que habitão estas paragens são, pela maior parte, insensiveis aos attractivos d'estes thesouros de fecundas inspirações, olhão-os, ou passão por elles sempre cheios de indiferença.

Um dia, em que, descendo pelo rio Pequiry, abaixo da cascata do *Macaco Branco*, me entranhára largo espaço pela serria, deparei, na margem esquerda d'essa fita prateada que, serpeando atravessa tamanhas devezas, — com uma gruta mui pictoresca, á qual os donaires da estação fazião ainda mais formosa, como em breves palavras vamos tentar descrever.

Da parte em que eu me achava fôrma o solo um formidavel barranco, quasi a prumo e que, não obstante essa circumstancia, é povoado desde baixo até a sumidade de grossas arvores e de arbustos em todo o genero: — sobre sua base, uma braça acima do leito do rio, abre-se um vão de cousa de 15 passos de largura, com 8 de altura, e que se prolonga para o interior, descrevendo uma meia curva, assás regular, de uns 40 palmos de extenção, e é este vão, esta abertura, que formão a pequena gruta que temos denominado das — *Borboletas*.

Na sua entrada as paredes lateraes são formadas de pedras sobrepostas, e o tecto em toda a extenção é composto de um unico penedo, formidavel mola ali collocada, e que sustenta sobre si milhares de milhares de arrobas.

Espero musgo reveste todo o interior d'esta gruta, exceptuando o seu pavimento que, n'aquella occasião, que era pelo estio, se achava coberto de um mimoso tapete de verdejantes capins, rara particularidade no centro de uma tão espessa mata. A um canto do lado esquerdo cahe götta á götta, pelos intersticios das pedras superiores, crystalina e pura agua, que dirigida a um ponto unico, sobre uma lage, tem n'ella formado uma especie de bacia, por cujas bordas despeja incessantemente a superabundancia da agua: — esta fôrma, logo em seguida, uma tenuissima corrente, argentino fio que, em suave declive se vai unir ao rio, á curta distancia, silenciosa, sem ruido, sem o mais leve murmuro. Dos umbraes da *porta*, por onde se penetra neste recinto, perfeitamente esclarecido pela luz do dia, nascem e crescem, de modo inverso, pendentes sobre o solo, muitos pés de *primavéras*, (\*) que, então carregadas de centenaes de suas flôres azues e brancas, tão odorosas quão bellas, compunhão um todo que tanto tinha de aprazivel á vista, como de inebriante e voluptuoso para os sentidos — como de romantico e sensivel á imaginação do poeta que ali fosse em busca de inspirações . . . Depois, além d'isso, da parte exterior d'esta habitação de Dryades, sobre uma grande lage que lhe serve de patamar, por entre

(\*) Pequeno arbusto, que produz em um mesmo pé, flôres de duas côres distinctas, formadas por cinco folhas uniformes, mui assetinadas, com estas mes no centro, d'onde irradiação, e cujo perfume agradável se faz sentir de muita distancia. Os serranos chamão-o — primavera — talvez porque so apparece n'esta estação.

as flôres, por meio dos arbustos, pairavão, esvoaçavão, adejavão myriades de borboletas amarellas e brancas e de quando em quando, colibris tão delicados como ellas, apparecendo por differentes partes do bosque, vinhão ali, n'aquellas flôres libar esse nectar ambrosiaco que dá novo brilho á sua plumagem e um duplo vigor a seus vôos.

Ah! na presença d'este quadro vivo e animado, cheio de tantas bellezas, escondido no centro de tão immensas devêzas, esqueci por momentos o mundo, a sociedade dos homens, e mundo, immovel, entregue a uma abstracção indefinivel, só pensava em Deus e no seu poder infinito, que, povoando o universo de milhões de mundos, espalhou em cada um d'elles quicá, variedade innumeravel de primores inimitaveis á sciencia humana, e incomprehensíveis, muitas vezes, a seus mais tenazes estudos e mais profundas investigações . . .

Voltei d'ali profundamente impressionado, e não sei porque, possuído de uma tristeza meditabunda, mas de agradável sensação, que mais de uma vez me induzio a voltar áquelle lugar desvio, pois que estes quadros, que a alma em seus mysterios tanto se compraz de apreciar, vistos mil vezes são de mil differentes modos apreciados, e tem sempre sobre nosso animo, sobre nosso coração, uma saudavel e benefica influencia.

Itú em Missões, Novembro de 1872.

FRANCISCO DA N. FRANCO.

---

D. AMALIA FIGUEIROA

Feliz a doce ventura  
D'esse cantar de ternura  
Na languidez do scismar!  
— Que trovas meigas, singellas,  
Tão eloquentes e bellas,  
Que tu sabes murmurar!

Como suspira saudosa  
Amante rola queixosa,  
Na floresta entristecida,  
Ou crepitante cascata  
Que da penha se desata  
E banha a varzea dormida.

Suave como a corrente  
De manso arroio dormente  
Que fugitivo se esvae!  
Qual brando e longo suspiro  
Que os echos levão no gyro  
Dizendo mais do que um: ai!

São teus versos tão cadentes  
Como perolas fulgentes  
A soar sobre crystal,  
Como tinir argentino,  
Como voz doce do sino  
N'um repique festival!

N'esses brandos devaneios  
Que desprendem teus gorgeios,  
Quanta belleza não ha?!  
E' ouvir a voz canóra  
Soluçada em grata aurora  
Pelo brando sabiú!

Onde foi, oh! flôr mimosa,  
A tua harpa sonora  
Encontrar tanta harmonia?!  
Onde achaste tantos lumes?!  
Roubaste-os dos vagalumes?  
Roubaste-os da luz do dia?

Onde achaste estes lamentos  
De melindrosos accentos,  
Que lhe dão tanto primor?  
Onde tu foste buscar  
Esse brando ciciar  
Exprimindo tanta dôr?!

Essa dôr... oh! não existe!...  
— Que te faz porém tão triste  
Como Agar pobre captiva?

— Tens suspiros, tens gemidos,  
Vagos sons além sumidos,  
Como luz d'amor esquiva!

Mas onde achaste o segredo  
Que tu revelas a medo,  
A' temor de frio engano?  
— Foi aqui por entr'as brumas,  
N'esta praia entr'as espumas,  
Em noite de minuano?

Foi aqui onde as estrellas  
Tremulas, serenas, bellas,  
Mirão as veigas sorrindo?  
Onde o Guahyba deslisa  
Ao soprar da mansa brisa,  
Como beijo, terno, infindo?!

Foi aqui onde brotaste  
Onde os perfumes achaste?  
— Jasmincero da poesia!  
— Em cada flôr despreendida  
Que tu remettes á vida,  
Quãnta belleza e magia!

Feliz quem pôde algum dia  
Arrancar da phantasia  
Dóce quadro apaixonado  
Onde a alma se revella  
Santa, pura, nobre e bella,  
Qual n'um prisma o céu rosado.

Canta! canta, poetisa,  
Que teu ser se divinisa  
Nos murmurios da canção!  
Solta aos échos os effluvios,  
As torrentes, os diluvios  
Das flôres do coração!

Canta! que a vida se passa  
Como ligeira fumaça  
Assoprada pela aragem;  
Feliz a barca fagueira  
Que deixa no mar — esteira  
De sua breve passagem!!

Para ti — um céu aberto!  
Não tens o sol encoberto  
Da mais siderea esperança!  
— Embora digas que não  
N'essa tristonha canção  
Chamada — DESESPERANÇA.

Canta! que o dom sublime da poesia	Mém a voz fagueira do futuro
Te deu a natureza!	Te acena com carinhos!
Tu que desprendes nos sentidos carmes	Se a estrada da gloria é pedregosa
Um astro de belleza!	Depois terás arminhos!
Canta! Segue avante, nobre virgem!	Avante! que a patria ha de saudar-te
Dedilha a lyra grata,	A' luz da melodia!
Abraça ternamente o sentimento	Ha de coroar-te com festões mimosos
Qu'inspira, que arrebatá!	Oh! anjo da poesia!

JOSÉ DE SÁ BRITO.

Novembro de 1872.

ENGANAS - TE

Dizes tu que os meus amôres,  
São como os da borboleta,  
Que affagando muitas flôres,  
Por nenhuma se inquieta.

Serão; mas a culpa grave,  
E' das flôres que me deixão  
Roubar-lhe o pollen suave  
E do roubo nem se queixão.

Ora diz-me: nunca viste,  
Quando o vento açouta as flôres,  
Como a borboleta insiste  
Em beijar os seus amôres?

E como estes agitados  
Pelo vento que ali corre,  
Dão á triste taes cuidados  
Que de exhausta ás vezes morre?

Se mais esquiva um nadinha  
Comigo fosse a belleza,  
Crê que ha muito, oh doudasinha,  
Verias minha alma presa.

M. J. GONÇALVES JUNIOR.

1870 — Rio de Janeiro.



## CHRONICA

Occupa o frontespicio d'esta *Revista* o busto-saudoso do illustre rio-grandense Dr. João Jacintho de Mendonça.

De dia em dia o *Parthenon* vai arrancando do esquecimento e da obscuridade da campa os caracteres que souberão sempre ennobrecer esta terra. Elevando-se acima de mesquiinhas paixões, dos odios momentosos da politica, o *Parthenon* reserva a sua galeria para aquelles que se têm distinguido pelas lettras e artes, pelas armas e na politica, sem distincção de bandeiras. Na nossa galeria só o verdadeiro mérito terá lugar. E é por isso que hoje offerecemos aos nossos leitores o retrato e uma noticia biographica de uma das glorias mais brillantes da tribuna brasileira.

O nosso amigo, que se encarregou do esboço biographico, deixou de fazer um trabalho mais prolixo como desejava, em consequencia de seu estado de saúde e por lhe faltarem na occasião os documentos necessarios.

Mais dois nomes prestimosos inscreveu a provincia no catalogo dos mortos: — Miguel Meirelles e Israel Dias de Castro. Aquelle poeta distincto e dramaturgo, em cuja fronte enlaçavão-se tambem as laureas tribunicias, conquistára uma reputação brilhante; este, moço, na primavera dos annos, quando um futuro de esperanças sorria-lhe na mente, tómbou no chão negro dos desenganos, distante do berço natal. Prestes a deixar os bancos academicos, mal pensava o inditoso mancebo, que antes de percorrer o cyclo espinhoso do medico, devia pender a fronte exangue no leito da morte!

Forão duas perdas sensiveis e o *Parthenon* por sua vez deplora o infortunio de tão preciosas existencias.

*Crepuseulos* : Com este titulo acaba de sair das officinas do *Jornal do Commercio* um mimoso volumê de poesias da nossa distincta consocia D. Amalia Figueirôa. Saudando com o maior entusiasmo a esperançosa poetisa, sentimos immensamente faltar-nos espaço e habilitações para tratarmos de seu precioso livro.

Termina n'esta *Revista* a introduccão dos—*Contos Rio-Grandenses*, com que nos honrou um illustrado e modesto pelotense, que, sob o pseudonimo de Victor Valpirio, encobre a sua distincta individualidade.

Breve começaremos a publicar o primeiro romance ou narrativa, com que nos vai brindar o festejado escriptor.

Encetamos hoje a publicação de uns preciosos trabalhos monographicos, que nos enviou um nosso intelligente consocio. Oxalá que o novo collaborador da *Revista* continue a descrever-nos com seu mimoso pincel — quadros como a *Gruta das Borboletas*. Têm para nós um valor subido estas descripções locais da provincia ; e o Sr. Natividade Franco, que de tão longe se esforça pela causa santa do *Parthenon*, continuará por certo a enriquecer as paginas da *Revista* com suas monographias.

Assim esperamos.

Graças a Deus ! Até que afinal acabou a festa escandalosa, onde o luxo e a vaidade ião de mãos dadas fazer ostentação de suas galas ante as angustias e lagrimas da pobreza desvalida. Em face da civilisação que significava aquelle espectaculo triste do dia de anno bom ? Logo pela manhã abrião-se as portas da *Caridade* e a multidão curiosa e ridicula, indifferente aos soffrimentos do proximo, invadia os hospitaes e ali junto ao leito das agonias, nem tinha um olhar de compaixão nem um obulo de caridade ! Felizmente, porém, d'ora em diante não se reproduzirão as scenas repugnantes que se davão na Santa Casa no 1.º do anno.

Antes de terminar a *Chronica*, diremos que não nos competia escrever estas linhas. Vimos substituir, ainda que mal, a penna festejada do nosso consocio Sr. José Bernardino dos Santos, que era o redactor de mez. Longe da cidade por incommodos graves de saúde, sentimos que o nosso amigo não nos podesse auxiliar ainda d'esta vez.

E' verdade, duas palavras ainda :

Concluimos com este numero a 2.ª série da *Revista*. Estão vencidos 6 mezes de lutas e obstaculos. Paremos um pouco para refazermos as forças. E' apenas um dia, amanhã proseguiremos a nossa jornada espinhosa. Vós, que nos auxiliastes até aqui, alentai-nos ; não pouparemos esforços nem sacrificios.

ACHILLES PORTO ALEGRE.